

**I CONECSO – Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos.**

23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória –ES

RELIGIÃO E CLASSE SOCIAL:

A Teologia da Prosperidade em Diferentes Segmentos do Movimento Evangélico

João Ricardo Boechat Pires de Almeida Sales –
Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro (UENF)

Resumo:

A religião ultrapassou os limites da esfera cultural e tem, hoje, impacto social que precisa ser analisado e discutido. Certo disso, analiso como a religião pentecostal, guiada pela teologia da prosperidade, adapta suas promessas e demandas às diferentes classes sociais, influenciando no consumo material, cultural e social dos indivíduos de diferentes classes que encontram na religião a esperança para amenizar suas ansiedades e dar significado a sua existência e relações. Analiso aqui o impacto da religião em duas classes sociais: a “ralé estrutural” e os “batalhadores”. Para mostrar a influência da religião sobre essas classes, observo a estrutura dos cultos e o perfil do especialista religioso de comunidades eclesiais que representam e expõem as demandas e ansiedades das citadas classes sociais.

1. Introdução

A Religião ignorou o esquecimento e irrelevância que a ela tinham sido destinados e continua sendo uma esfera importante da existência humana. A modernidade deslocou a religião para a esfera cultural, crendo que, uma vez a razão estabelecida e dominante, culminaria com o fim da importância religiosa. Todavia, Renato Ortiz afirma que esta é um importante lugar de memória e identidade, sendo capaz de unificar nações e criar novas memórias coletivas (ORTIZ, 2001:59). Este é, por exemplo, o caso de Israel¹ que só foi capaz de se tornar uma nação, pois conseguiu unificar a crença dos diversos povos que viviam próximos à região do Egito em um único Deus, dando a eles força para lutar por sua libertação e independência. Além disso, o mundo globalizado também favorece o fortalecimento da religião. Em uma época de interdependência econômica e homogeneização das informações, o Estado-nação se enfraquece e a religião ganha espaço vinculando-se a compromissos na base das ações coletivas, aumentando sua influência pública. O campo da memória e identidade se une assim à ação pública (ORTIZ, 2001:65).

Pode-se afirmar também que a religião detém grande poder simbólico, pois traz à existência humana significado e pretende, na relação com o divino, garantir infinidade à esta existência. Assim, “podemos entender a função social da religião não somente como elaboradora de uma identidade de grupo, [...] mas perceber como a religião tem parte importante na dinâmica social como um todo” (ARENARI, 2013:121).

José Casanova se refere a este fenômeno do crescimento religioso como o colapso do da era das crenças Iluministas (CASANOVA, 2000). As expectativas e análises que aguardavam o desaparecimento, ou pelo menos, o enfraquecimento da religião, não se confirmaram na história, nos levando a repensar o papel que religião e disposição religiosa desenvolvem na sociedade humana e experiência humana em geral (ARENARI, 2013:18). Esta onda de expansão religiosa que destruiu a ilusão que seria possível eliminar a religião da vida social permite-nos afirmar que a experiência religiosa é característica universal da experiência humana e que a busca pelo transcendente é realidade em todos os povos e culturas.

De acordo com o sociólogo Peter Berger, a explosão do pentecostalismo evangélico e a ampla ressurgência do Islamismo em uma escala mundial representam os dois grandes

¹ SKA, Jean Louis. Ao analisar as possíveis formações da nação de Israel no começo de sua história, no livro *A Palavra de Deus na narrativa dos Homens*, Ska afirma que uma das hipóteses seria a unificação do povo sob a crença em uma única divindade, o que tornaria possível o interesse comum e o fortalecimento do desejo de independência e formação de uma nação.

fenômenos do tempo atual no que diz respeito à análise da sociologia da religião (ARENARI 2012:178).

O Pentecostalismo exemplifica bem o impacto do Cristianismo no mundo atual. Seu crescimento mundial faz com que este seja um fenômeno impossível de ser ignorado. Ainda que mais da metade dos Pentecostais no mundo estejam na América Latina e África e que seja um movimento quase inexistente na Europa (ARENARI, 2013:76), seu crescimento tem sido considerável. Por exemplo, de acordo com a World Christian, 20% dos seis milhões de imigrantes Hispânicos que vivem nos Estados Unidos são pentecostais, na África do Sul, 40% da população é influenciada pelo Pentecostalismo, na América Latina, 144 milhões de pessoas são pentecostais, e o Brasil é o maior país Pentecostal do mundo. Estes exemplos mostram que estamos lidando com uma força de impacto mundial.

A Universal do Reino de Deus (IURD), por exemplo, é considerada a denominação multinacional mais importante na periferia do capitalismo mundial (ARENARI, 2013:88). “Não é um fenômeno significativo em relação ao Brasil, é um fenômeno que ajuda a entender as novas formas de religião no mundo transnacional” (2013:88). A IURD está presente em mais de 170 países sendo uma força não só religiosa como política e de mídia².

No Brasil, a presença religiosa é uma realidade que não pode ser ignorada. De acordo com os dados de 2010 do IBGE, apenas 8% da população brasileira se declara “sem religião”. Por outro lado, 64,6% se declaram católica e 22,2% evangélica. Contudo, é importante perceber é que nos últimos trinta anos, a membresia Católica diminuiu quase um terço, enquanto o número de evangélicos Protestantes quadruplicou. Esses dados nos ajudam a perceber que, realmente, o fenômeno pentecostal encontrou hospitalidade e possibilidade de crescimento. O que faz com que o Brasil seja, hoje, “a maior nação pentecostal do mundo” (ARENARI, 2013:66).

Brand Arenari afirma que a maneira como a modernidade periférica se desenvolveu no Brasil, produziu ambiente excelente para o desenvolvimento do pentecostalismo. Esta nação apresenta estrutura social, tipo social específico gerado por esta estrutura social e modelo cognitivo predominante na sociedade que permitem uma relação bem-sucedida entre pentecostalismo e significância social (2013:134).

² Nas eleições de 2002, por exemplo, a IURD elegeu 16 congressistas, 1 senador e 19 parlamentares em 10 estados do Brasil. Além disso, a IURD é dona da Rede Record de TV no Brasil e possui outros canais em diferentes países da África.

Campos dos Goytacazes é, também, exemplo desta realidade apontada pelos sociólogos. De acordo com o Censo demográfico, em 2000, 59% da população campista era adepta do catolicismo, enquanto 21% desta era evangélica. Entre estes, 27,4% eram tradicionais, enquanto 67,6% eram pentecostais. Dez anos depois, o crescimento do pentecostalismo continua grandioso. No censo de 2010, 50% da população campista se dizia católica, enquanto 31% se identificava como evangélica. Destes 68,7% se dizem pentecostais. Em números, mais de 41.000 novos adeptos em dez anos, considerando que nenhum dos antigos membros faleceu, ou mudou de religião³.

A “terceira onda do pentecostalismo⁴” trouxe consigo uma nova teologia para fundamentar suas crenças. Uma teologia de crescente importância no meio pentecostal, isto é, umas das principais vias pela qual os pentecostais, hoje em dia, seguem o entendimento de quem Deus é e como se relacionar com ele, afetando sua relação consigo e com a sociedade, é a Teologia da Prosperidade. Esta apresenta algumas características particulares. Entre elas: o pensamento positivo, cura divina, prosperidade financeira, profetas hodiernos, bênção e maldição da lei, revelações e forte apego à mágica (SILVEIRA, 2007).

Esta visão de mundo encontrou campo farto de desenvolvimento devido à maneira pela qual o Brasil se modernizou. Em meio às classes mais pobres, a teologia da prosperidade passou a ser importante fonte de esperança para ascensão social e abastamento material. E as igrejas (neo) pentecostais passaram a ser constituídas majoritariamente de mulheres, pessoas com poucos anos de estudo e pobres (ARENARI, 2013: 126). Contudo, esta teologia ultrapassou os limites das classes baixas e encontrou refúgio até mesmo nas comunidades eclesiais elitistas. Tal fato, antes inimaginável, hoje é uma realidade e é possível perceber variações da teologia da prosperidade em todas as comunidades, representantes dos diversos tipos de classe social e frações de classe. A ponto de ser possível afirmar que, uma igreja que não aceite o (neo) pentecostalismo e sua principal teologia, ainda que de forma moderada, está fadada a deixar de existir.

Partindo deste princípio, este trabalho objetiva realizar um estudo na sociedade, demonstrando os impactos sociais do pentecostalismo, principalmente da teologia da prosperidade. Percebendo sua influência no consumo, costumes e escolhas (políticas) em diferentes classes sociais.

³ Dados do Censo Demográfico 2000 e 2010.

⁴ Expressão usada por Paul Freston para descrever a entrada do pentecostalismo na lógica economicista, tendo como principal guia, a Teologia da Prosperidade. FRESTON, Paul in ARENARI, Brand. *Pentecostalism as religion of the periphery: an analysis of the Brazilian case*. Tese de Doutorado, 2013 p.18

2. Curta análise das comunidades eclesiais

O primeiro passo para observarmos a relação entre religião e classe social é observar as comunidades eclesiais presentes na sociedade. Por comunidade seguimos o conceito weberiano que a define como uma relação associativa duradoura entre os adeptos com direitos e deveres fixos (2009:313). A comunidade religiosa faz-se relevante em diversos âmbitos, pois as relações que ocorrem dentro dela produzem efeitos decisivos para a atuação prática dos membros, influenciando diretamente as escolhas de consumo material e cultural dos indivíduos. Os sermões pastorais, as relações entre “irmãos”, as doutrinas e, principalmente, as “células” produzem disposições para determinadas escolhas, produzem (novo) significado para sua relação com o mundo e criam um grupo relacional dentro da própria comunidade.

É errôneo pensar que uma comunidade eclesial é formada por uma classe social exclusiva. Contudo, o sacerdote, mago ou profeta das comunidades adapta sua mensagem e suas ações mágicas – como a cura divina e a expulsão de demônios – às necessidades das classes, isto é, se o especialista religioso deseja que sua comunidade obtenha êxito, cresça no número de fiéis, ele precisa observar as necessidades de seu “público” alvo e fazer suas demandas acessíveis a estes, a fim de que participem da vida comunitária, depositando sua fé naquilo que creem estar relacionado com seu dia-a-dia. Desta forma, cada comunidade é, majoritariamente – ainda que não exclusivamente – composta por indivíduos de uma mesma classe, ou pelo menos, em uma mesma situação de classe. Indivíduos em uma mesma situação de classe tendem a ter demandas similares, possuindo, por outro lado, demandas distintas daqueles em diferentes classes sociais.

Enquanto a “ralé estrutural” demonstra necessidades imediatas, como a busca de empregos, causas na justiça e cura de enfermidade; os “batalhadores” apresentam preocupações com o futuro, principalmente o bem-estar dos filhos e a segurança da “família”. Por isso, a comunidade eclesial irá ser composta, majoritariamente – ainda que não exclusivamente - por indivíduos que veem nesta a resposta para suas demandas.

Assim, uma comunidade eclesial é lugar adequado para observarem-se as demandas e necessidades de certa classe social. Credo nisto, foram selecionadas igrejas que representem as demandas de diferentes classes sociais; nelas, analisar-se-á a estrutura do culto que revelam as ansiedades das classes que estas representam.

Como comunidade representante da “ralé estrutural”, utilizo a Igreja Mundial do Poder de Deus. Esta igreja, com representatividade nacional, conta com participação

expressiva em sua membresia de indivíduos da “ralé”. Para analisar a percepção da presença de Deus no dia-a-dia do povo, observei os “cultos de adoração”, “reuniões de libertação”, “cultos da vitória”, os programas de rádio e televisão e as entrevistas com os membros da “Mundial” na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ.

Entretanto, como representante da classe “batalhadora”, tomo como exemplo a Igreja Semear, também na cidade de Campos dos Goytacazes. Esta comunidade foi a primeira na região a trabalhar com a visão G12 – a qual explicarei melhor mais adiante – começando o movimento de células, treinando líderes e formando discípulos nesta visão.

2.1 O culto da “ralé estrutural”

O culto da Igreja Mundial do Poder de Deus é um grande “show de mágica”. Diferentes dias, há diferentes “enfoques”: libertação, prosperidade financeira, vida amorosa, “causas impossíveis”. Todavia, independentemente do enfoque do culto, a fórmula é a mesma. O culto é uma grande batalha contra os demônios.

Uma das características da religiosidade da ralé estrutural brasileira é a dicotomia com que esta se relaciona com o mundo. O “mundo” é um lugar de atuação das forças demoníacas e divinas de igual modo. Toda e qualquer situação tem seu sucesso – ou fracasso – determinado pela luta das forças do bem contra o mal. A religiosidade da ralé não é – essencialmente – monoteísta. Deus é a entidade do bem que tem incontáveis anjos sob seu controle. Por outro lado, Satanás, que para os judeus pós-exílio era apenas um anjo como outro qualquer submetido às ordens de Javé, foi elevado à função de inimigo de Deus e carrasco dos homens. Assim, a vida do crente é formada pela influência divina ou demoníaca, e o bem-estar nada mais é do que a vitória do bem sobre o mal.

A interferência divina está diretamente ligada ao clamor e ações do fiel. O crente tem poder de interferir diretamente na ação divina no mundo com suas orações e práticas. O aprendizado para a interferência acontece justamente durante os cultos. Ali, o crente recebe os “instrumentos sagrados” que possuem poder divino, renova seus acordos através dos sacrifícios e ofertas e “coloca diante de Deus” os anseios que precisam ser resolvidos.

É perceptível, na religiosidade da ralé, a transformação da magia em simbolismo. Elementos do cotidiano recebem poder especial ao serem “consagrados” pelos pastores, possuindo, a partir da consagração, poder para transmitir a “cura” divina àquilo que o fiel deseja afetar. Lenços, travesseiros, flores, sal, ou seja, tudo que é santificado recebe “autoridade divina” para “onde tocar, levar a cura divina”.

Se por um lado há a interferência divina ocorre a todo momento, a figura de Deus como um ser pessoal e relacionável, característica inabalável do cristianismo do século I e das comunidades protestantes históricas americanas, é anulada. Deus se transforma em um ente assentado sobre um “alto e sublime” trono, mas não se envolve pessoalmente com seus “servos”, apenas “dá ordem aos anjos a respeito deles”, mas se abstém da participação direta na vida do crente. A religiosidade não é baseada em comportamentos éticos ou exemplares e sim em rituais mágicos que enfraquecem o mal e suportam o bem na batalha diária.

A influência dessa religiosidade na vida diária do fiel se expressa bem nas palavras de Almira Conceição das Neves, membro da Igreja Mundial do Poder de Deus na cidade de Campos dos Goytacazes:

“Fui ao banco na semana passada receber meu benefício, e quando cheguei ao segundo andar para pegar uma senha, o rapazinho falou que eu deveria descer e procurar uma outra moça porque ali era só para ‘prioridade’. Eu repreendi o inimigo em nome de Jesus e declarei minha vitória. Ele não teve outra escolha senão me dar a senha porque eu não ia sair dali sem minha bênção”.

2.2 O culto dos batalhadores

Semelhantemente à ralé estrutural, o pentecostalismo se adaptou às necessidades da classe batalhadora e se tornou um “fenômeno” social também em meio a esta, produzindo diferentes *habitus* específicos e influenciando a relação dos indivíduos consigo mesmo e com a sociedade.

Contudo, os batalhadores não são atraídos da mesma forma pelo “show de mágica” que conquista a ralé. Os recursos que os batalhadores conseguem adquirir e os tornam aptos para lutar mais facilmente por algum lugar no mercado de trabalho competitivo, fazem com que as “promessas mágicas” não atraiam da mesma forma o indivíduo batalhador. Por outro lado, o pentecostalismo adaptou sua mensagem às necessidades batalhadoras e é a religião mais crescente entre os membros desta classe.

A principal diferença entre a religião da “ralé” e a religião dos “batalhadores” se encontra na esperança soteriológica. É importante lembrar que Weber nos mostra que toda e qualquer religião propõe uma mensagem salvífica que objetiva a salvação no mundo aqui e agora (1982:320). Mesmo que a mensagem profética ou sacerdotal seja sobre o porvir, o mundo além, as disposições práticas são para o hoje. E isso não é diferente no “pentecostalismo batalhador”, a promessa principal é a salvação “futura intramundana”.

Enquanto para a “ralé” o importante são ações emergenciais, o “toque divino” urgente, os batalhadores encontram na religião, a esperança para uma construção de um “futuro melhor”. A noção de “futuro” não é algo natural em meio às classes populares, por isso, a religião se destaca na construção – e reconstrução – da noção de futuro, principalmente a noção de um futuro melhor.

A noção de felicidade e boa-vida construídas pelo pentecostalismo vão ao encontro das ansiedades da classe “batalhadora”, contrastando com a “derrota” iminente e certa prevista pela sociedade brasileira às classes populares. O discurso economicista e a legitimação da meritocracia em nossa sociedade produzem indivíduos que já entram nas disputas sociais, seja por vaga em universidades ou repartições públicas ou por um “trabalho digno” em algum setor privado, mais propensos a “perder” do que a “vencer”, então o “Deus tem um plano para a sua vida” encontra indivíduos carentes e dispostos a crer em uma promessa de salvação intramundana. O esforço batalhador está para a construção de um futuro próspero e melhor do que o presente difícil e sofredor. Exemplo disso pode ser visto nas palavras de Patrícia Corrêa, trabalhadora do BNDES, sem ensino superior. Começando como secretária de um dos gerentes deste banco, Patrícia foi aprovada em uma série de concursos internos, ela hoje consegue ter uma “vida bem melhor do que tinha quando comecei minha luta”:

“Deus me abriu os braços quando o mundo me fechou as portas! Todos diziam que não conseguiria, que eu não era ninguém, mas creio no Deus do impossível. Se hoje trabalho 12 horas por dia, é porque sei que Deus está me honrando e quero dar para minhas filhas [três meninas entre 27 e 25 anos] uma vida melhor que tive”.

Essa “visão savífica intramundana” gera novas esperanças para o futuro não só do batalhador individualmente, mas para àqueles diretamente ligados a ele, isto é, a sua família. A própria construção familiar pentecostal tem relação com a deposição futura gerada pela religião. É comum os líderes de grandes igrejas pentecostais pregarem sobre a importância da família (marido + mulher + filhos) para a construção de uma vida boa e aprovada por Deus. Observando a “ralé”, pode-se perceber como a estrutura familiar é ausente na vida maioria da classe, seja devido ao pouco tempo que passam juntos, seja pela grande parte do dia dedicada ao trabalho, ou pela falta de figuras paternas ou maternas responsáveis por criar relações afetivas e segurança no dia-a-dia dos indivíduos. Todavia, os batalhadores já

percebem a importância da construção familiar como base para o “sucesso na vida”, e o papel da religião é destacável na construção desta.

A presença religiosa na vida do batalhador, seja para a esperança de um futuro melhor, na construção da família e até mesmo para a visão de mundo; pode ser constatada pela (crescente) existência de “células” nas igrejas pentecostais⁵. A “célula” é a transposição do ambiente religioso e das relações hierárquicas entre líderes e discípulos para fora dos muros do templo. Geralmente, as células são reuniões compostas de doze “discípulos” e um líder que ocorre semanalmente na casa de um dos membros e tem por objetivo regular a conduta do crente em todas as esferas da vida cotidiana através dos ensinamentos passados durante as reuniões. Além disso, uma “célula” fortalece a relação entre os membros de uma mesma igreja, “ajudando nas dificuldades diárias” e fortalecendo a ligação do crente com a própria instituição. Ocorre, desta forma, uma socialização do indivíduo influenciada pela religião com mais força do que simplesmente a “ida aos cultos aos domingos”.

A influência das “células” na socialização dos indivíduos pode ser exemplificada pelo discurso Luíza Rangel, 19 anos, professora de inglês em um curso na cidade e membro da Igreja Semear na cidade de Campos dos Goytacazes, quando perguntada sobre a importância da “célula” de sua igreja em sua vida:

“Deus não quer uma parte de mim, Ele me quer por inteiro. Por isso, tenho que aprender a viver a boa e perfeita vontade dEle em tudo que eu faço. Na ‘célula’ aprendo a conhecer a vontade de Deus para as coisas que faço todo o dia. Na igreja, aprendo sobre o amor de Deus e suas promessas, mas é na ‘célula’ que aprendo a aplicar essas promessas no meu viver diário. A gente tem muitas dúvidas que não dá para resolver no culto de Domingo, mas aqui temos oportunidade de conversar e ajudar uns aos outros. Diria que é fundamental para eu ser um discípulo aprovado diante de Deus”.

Assim, diferentemente da emergência da “ralé”, os “batalhadores” apresentam ansiedades menos urgentes e ligadas a um futuro intramundano. E o pentecostalismo foi bem-sucedido em sua adaptação às necessidades desta classe se tornando o principal representante religioso desta na sociedade.

⁵ O movimento da visão celular começou na Colômbia na década de 80 liderado pelo pastor César Castellanos. O Grupo dos 12, como é conhecido tal movimento, chegou ao Brasil, na década de 90, através do pastor René Terra Nova do Ministério Internacional da Restauração em Manaus.

3. Análise do Especialista Religioso

As ansiedades de classe podem ser observadas, também, através da análise do especialista religioso presentes nas comunidades eclesiais que representam diferentes classes sociais. Existe considerável semelhança no discurso e nas ações ritualísticas dos sacerdotes que lideram as igrejas pentecostais, e essa semelhança se transforma em homogeneidade ao observar os sacerdotes das comunidades da “ralé”, por um lado, e dos “batalhadores”, por outro.

Todo líder de comunidade eclesial concentra sobre si as ansiedades e expectativas daquele grupo que vê nele autoridade divina para liderar. A fim de atingir o grupo pretendido, o especialista necessita adaptar sua mensagem e exigências à realidade e às necessidades daquele grupo, pois se o grupo não enxergar neste especialista um enviado de Deus para falar ao povo, haverá a busca por um outro especialista que seja visto como detentor da autoridade divina. Por isso, uma comunidade que é composta majoritariamente por determinada classe social tem, em seu líder, não só o enviado de Deus para guiar na relação com a realidade, mas também um representante das ansiedades que assolam tal classe. Assim, Weber afirma que:

“Mas, tenha a profecia um caráter mais ético ou mais exemplar, a revelação profética significa sempre – e isso é o que todas têm em comum – primeiro para o próprio profeta e, em seguida, para seus acólitos: uma visão homogênea da vida, considerando-se esta conscientemente de um ponto de vista que lhe atribui um sentido homogêneo. A vida e o mundo, os acontecimentos sociais e os cósmicos, têm para o profeta determinado sentido, sistematicamente homogêneo, e o comportamento dos homens, para lhes trazer salvação, tem de se orientar por ele, e sobre esta base, assumir forma coerente e plena de significado. A estrutura desse sentido pode ser muito diversa e agregar numa unidade motivos que parecem logicamente heterogêneos, pois o que domina toda a concepção não é, em primeiro lugar, a consequência lógica, mas valorações práticas”. (2009:310)

A análise do especialista religioso nos ajuda a identificar as diferenças nas classes sociais e na relação destas com o mundo.

3.1 O mago da ralé

Das figuras religiosas que se relacionam com as forças espirituais definidas por Weber – o mago, o profeta e o sacerdote – aquele que mais se aproxima do líder religioso das igrejas pentecostais típicas da “ralé estrutural” é, justamente, a figura do mago. Weber define o mago como profissionais que buscam, através da magia, forçar os demônios e coagir o deus (2009:292). Como pôde ser observado, o serviço religioso da ralé não é “serviço ao deus, mas sim coação sobre o deus; a invocação não é uma oração, mas uma fórmula mágica” (2009:293). E as fórmulas mágicas capazes de coagir o deus à ação não podem ser “inventadas” pelo fiel, cabe ao mago pentecostal entregar ao crente os produtos magicamente “santificados” e as orações devidamente preparadas para que o deus seja convencido a agir em favor do fiel.

O mago pentecostal tem, basicamente, duas funções. A primeira é conjurar os demônios e “expulsá-los” do corpo dos homens. Semelhantemente à lógica do farisaísmo no judaísmo pós-exílio, as “mazelas da vida”, tais como as doenças, alucinações, pesadelos, ou seja, tudo que vai contra o conceito de boa-vida é tido como fruto do pecado, vide o livro de João, capítulo nove, onde os discípulos perguntam a Jesus sobre o porquê de um homem ser cego de nascença: “Quem pecou para que nascesse cego, ele ou seus pais”? Também no pentecostalismo, os problemas são frutos do pecado do homem. O pecado legitima a ação demoníaca sobre a vida dos homens, causando toda sorte de sofrimento. Assim, cabe ao mago, “homem acima dos demais homens”, “apontado” por Deus, usar a autoridade divina que tem, dada a ele por um superior reconhecidamente “poderoso em operar milagres” – como um pastor da Igreja Mundial do Poder de Deus deve ser designado pelo Apóstolo Valdemiro Santiago – para expulsar os causadores do sofrimento e possibilitar a ação do deus na vida daquele servo. Logo, a primeira função do mago é expelir demônios e repreender o mal.

Além desta função, o mago pentecostal tem o dever de transmitir ao povo os “processos mágicos” ou sacrifícios e os “instrumentos mágicos”, objetos ordinários “abençoados” pelo líder religioso que carrega sobre si a autoridade divina, que serão capazes de coagir o deus para trabalhar em função do crente. O mago pentecostal é o responsável por, durante os cultos, liderar os rituais e distribuir os objetos mágicos, além de recolher as ofertas.

Como a autoridade do mago pentecostal se baseia no sucesso dos exorcismos e dos instrumentos mágicos, pouco importa seu exemplo como cristão ou indivíduo cujas ações

devam ser copiadas. Não é do interesse de seu público, que ele seja “irrepreensível diante dos homens”, como ordena o apóstolo Paulo a todos aqueles que desejam seguir a carreira pastoral. Portanto, a capacidade de expulsar demônios e consagrar objetos é prova suficiente da aprovação divina diante dos homens.

3.2 O profeta dos batalhadores

Enquanto nas comunidades religiosas da “ralé”, destaca-se a presença do mago responsável por conjurar demônios e distribuir “instrumentos mágicos”, nas comunidades eclesiais onde a presença de “batalhadores” é maioria, destaca-se a presença de um líder religioso de características diferentes, o profeta pentecostal.

Weber define um profeta como o

“portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude da sua missão anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino. Este se distingue do mago pelo fato de que anuncia revelações substanciais e que a substância de sua missão não consiste em magia, mas em doutrina ou mandamento” (2009:30)

Há também duas características destacáveis na representação do profeta pentecostal. Primeiramente, o líder das igrejas pentecostais “batalhadoras” é um exemplo ético. Os “batalhadores” das comunidades pentecostais percebem no seu líder o exemplo de alguém que alcançou sucesso através da obediência às regras de ação que Deus designa. Assim, o profeta ajunta, sob sua autoridade, discípulos que veem nele um homem de vida aprovada diante de Deus e, por isso, com “poder” para guiar outros que buscam sucesso na vida terrena. O profeta pentecostal é quase sempre um indivíduo de origem batalhadora ou até mesmo da “ralé” que, através de ações éticas e obedientes, ascendeu econômica e socialmente.

Além disso, existe uma conexão inegável entre a figura do profeta, e a figura do que Weber chama de um mestre ético. O grande administrador é capaz de transmitir a profecia exemplar para seus discípulos, guiando-os no “caminho em que se deve andar”. Diferentemente do mestre no judaísmo pós-exílio e do cristianismo apologeta e escolástico, onde os mestres eram grandes exegetas, possuindo admirável capacidade hermenêutica e domínio das Escrituras Sagradas; o mestre pentecostal é o mestre ético, capaz de ensinar com clareza como “tomar posse” dos bens divinos disponíveis aos homens, e como administrá-los. Como pode-se ler no perfil do Apóstolo Luciano, líder da Igreja Semear em Campos dos Goytacazes, em seu website: “Quem teme a Deus, não tem medo de crise”.

A vida e os ensinamentos do profeta pentecostal vão ao encontro das necessidades das ansiedades da classe batalhadora em aprender a participar de forma efetiva das relações econômicas e sociais do mundo capitalista contemporâneo.

4. Conclusão

A religião no mundo contemporâneo, principalmente na modernidade periférica, é uma força social que precisa ser considerada quando avaliamos a sociedade e sua organização. Seu impacto não pode ser ignorado, muito menos entendido como algo ligado apenas à cultura e ao indivíduo particularmente.

Este trabalho buscou trazer à luz alguns pontos que comprovam o poder da religião, principalmente nas classes populares. Primeiramente, a religião revela as ansiedades das diferentes classes. Observando diferentes comunidades eclesiais, que representam diferentes classes sociais é possível ver, na demanda por serviços religiosos, as demandas das classes. A “ralé estrutural”, por exemplo, apresenta necessidades urgentes, diretamente ligadas ao dia-a-dia com pouca, ou nenhuma, disposição para o desenvolvimento de um planejamento futuro. Enquanto, os “batalhadores” possuem ansiedades ligadas ao bem-estar futuro, principalmente relacionados ao bom desenvolvimento familiar e administração dos bens adquiridos, apresentando grande preocupação em não “voltar de onde veio”.

Além disso, a religião cria disposições e novos *habitus* de classes, que guiarão o comportamento dos indivíduos, influenciando suas ações e formas de consumo na sociedade. Para comprovar esta hipótese, busquei realizar uma análise da religião da “ralé” e dos “batalhadores”, observando o culto das comunidades eclesiais destas classes, analisando como a “profecia” pentecostal foi adaptada pelas comunidades a fim de atender às diferentes demandas e ser relevante na vida dos crentes.

Por fim, busquei fazer uma curta análise do perfil dos líderes das comunidades religiosas, pois um especialista religioso tem sobre si as expectativas de seus membros, podendo ser tanto um exemplo para os indivíduos, como um símbolo de autoridade divinamente estipulada para transmitir aos homens a vontade de Deus. O especialista religioso da “ralé” é o mago pentecostal que tem a responsabilidade de conjurar demônios, coagir o deus e distribuir instrumentos mágicos para a coação divina. Enquanto o especialista dos “batalhadores” é o profeta pentecostal, caracterizador por ser exemplo ético e grande administrador dos “bens divinos”, e responsável por ensinar aos fiéis o caminho para as “bem-aventuranças”.

Assim, desejo colaborar para a discussão entre religião e classe social, e como a primeira pode influenciar a segunda em sua relação de consumo dos bens materiais, culturais e sociais.

5. Bibliografia

ARENARI, Brand. Uma análise do desenvolvimento cognitivo das religiões na sociologia de Max Weber: caminhos para a compreensão de aspectos da modernidade brasileira. Brasil, 2006. Dissertação de Mestrado.

_____. „Religiosidade Popular e Política: o movimento neopentecostal como caso ilustrativo dos limites do aprendizado político no Brasil”. Revista Temáticas. Campinas, 2006

_____. „Indústria Cultural e religiosidade mágica: o racionalismo adaptativo do Neopentecostalismo”. ANPOCS, 2007.

_____. Pentecostalism as religion of the periphery: an analysis of the Brazilian case. Tese de Doutorado

CASANOVA, José. Public Religions in Modern World. The University of Chicago Press, Chicago, 1994.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo Brasileiro. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

_____. Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2001.

ORTIZ, Renato. Anotações Sobre Religião e Globalização. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 16 N 47

PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. A Realidade Social das Religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVEIRA, Marcelo. O discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais. São Paulo, 2007

SKA, Jean Louis. A Palavra de Deus na narrativa dos homens. São Paulo: Vozes, 2003.

SOUZA, Jessé (Org.) . A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. A Ralé Brasileira: quem é e como vive. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. De Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. de Gabriel Cohn, 4ª ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, 2009 (reimpressão).

WEBER, Max. Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: LTC editora S.A.; 1982.